

# PELAS V(E)IAS DE ANTÔNIO CANDIDO: A LITERATURA COMO FENÔMENO HUMANIZADOR E FONTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de<sup>1</sup>  
SILVEIRA, Éderson Luís<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo se propôs a tecer considerações sobre o pensamento crítico e os pressupostos teóricos de Antonio Candido (1918-2017), na medida em que é ressaltada a pertinência de suas ideias para crítica literária brasileira. Buscou-se averiguar a importância da literatura e da arte para concretização da transformação social, via relações dialógicas (BAKHTIN, 2006 [1979]). Para composição do manuscrito, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tanto por meio de textos de Antonio Candido (1985; 2000; 2004) quanto de interlocutores em esfera brasileira em relação aos estudos do referido sociólogo, tais como Schwarz (1999), Lajolo (2003), Barbosa (2007), Bosi (2003), entre outros. As investigações realizadas apontaram para potencial humanizador e transformacional do pensamento crítico de Antonio Candido, cujos escritos constituem um caráter inestimável no âmbito dos estudos da arte e da literatura brasileira. Através, portanto, das v(e)ias literárias de Antonio Candido, foi possível identificar um cenário dialógico de vozes críticas cujos horizontes de produção e reflexão instigam a um processo de transformação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Candido, Literatura brasileira, Transformação social.

## BY THE V(E)IAS OF ANTONIO: LITERATURE AS A HUMANIZING PHENOMENON AND SOURCE OF SOCIAL TRANSFORMATION

**ABSTRACT:** This article proposes to make considerations about the critical thinking and the theoretical assumptions of Antonio Candido (1918-2017), as it emphasizes the relevance of his ideas to brazilian literary criticism. We sought to determine the importance of literature and art to implementation of social transformation, for the dialogical relations (BAKHTIN, 2006 [1979]). To composition of the manuscript, a bibliographical research, both through texts by Antonio Candido (1985; 2000; 2004) as interlocutors in brazilian ball in relation to the studies referred to sociologist

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: wildersantana92@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: ediliteratus@gmail.com

such as Schwarz (1999), Lajolo (2003), Barbosa (2007), Bosi (2003), among others. The investigations pointed to humanizing and transformational potential of critical thinking by Antonio Candido, whose writings are an invaluable character under the studies of art and Brazilian literature. Through, so the veins Antônio Candido's literary, it was possible to identify a dialogic scenario of critical voices whose horizons of production and reflection instigate a process of social transformation.

**KEYWORDS:** Antônio Candido, Brazilian literature, Social transformation.

## INTRODUÇÃO

Intangível é a responsabilização que se pretende assumir ao discursivizar a respeito de um dos mais célebres representantes da literatura (brasileira): Antônio Candido (1918-2017). Seus textos têm influenciado pensadores para além da América Latina<sup>3</sup>, na medida em que o teórico assumiu múltiplos papéis: professor, crítico literário, sociólogo, escritor. Inseridos num jogo dialético em perspectiva de humanização do indivíduo, reacentuamos duas indagações que nortearam parte das reflexões ativas de Candido, em *Literatura e Sociedade*: “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?” e “qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (CANDIDO, 1985, p. 18).

Tais reflexões consistem na máxima candidiana a respeito da literatura enquanto fenômeno artístico e humanizador. Então, ao atestar que a arte não pode ser concebida apenas como uma “expressão da sociedade” (CANDIDO, 1985, p. 19), do modo como entendiam algumas sociedades primitivas<sup>4</sup> e como testificam certas tendências estéticas, a exemplo do transcendentalismo preconizado por Hegel (1770-1831) e a teoria produto-processo artística de Schelling (1775-1854)<sup>5</sup>, faz-se emergente problematizar e compreender “em que medida [a arte] é social, isto é, interessada nos problemas sociais” (CANDIDO, 1985, p. 19).

---

<sup>3</sup> A obra *Formação da Literatura Brasileira*, por exemplo, foi publicada em uma instância temporal rica “[...] para os estudos literários dentro e fora do Brasil” (LAJOLO, 2003, p. 51). Desse modo, “[é] importante observar que, no terreno dos contatos entre brasileiros e hispano-americanos – onde o elogio retórico costuma suplantar a ação concreta –, Candido logrou desenhar um mapa de referências importantes para os que nos preocupamos em refazer o caminho dos intercâmbios intelectuais e registrar sua história”. (CRESPO, 2003, p. 98)

<sup>4</sup> Fischer esclarece, acerca do período pré-histórico, que “Nos alvares da humanidade a arte pouco tinha a ver com “beleza” e nada tinha a ver com a contemplação estética: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência” (1987, p. 45). Desse modo, no escopo das sociedades primitivas, o foco artístico estava na base fundamental de representação de suas crenças, valores, costumes, e *modus vivendi*.

<sup>5</sup> De acordo com Schelling, em *Filosofia da arte*, em que é ressaltado o caráter orgânico de uma obra de arte, afirma-se que o Absoluto compõe um todo orgânico da obra, e suas partes são condensadas sob prisma de uma

A questão das relações dialógicas se fez proeminente no âmbito do conteúdo que visamos explicitar neste texto por causa da inspiração nos estudos bakhtinianos. Porém, é preciso situar: não se trata de buscar a perspectiva de problematizações acerca da literatura nos escritos dos pensadores do Círculo de Bakhtin, mas mobilizar um conceito bakhtiniano de relações dialógicas. Nesse sentido, entende-se que nenhum texto se constitui por si só independente de outros textos e as tessituras múltiplas que podem ser alinhavadas durante a produção e depois no bojo das instâncias de recepção da obra também não são solitárias. Pelo contrário, são solidárias a outros textos, são atravessadas por discursos situados além e aquém daquele que escreveu ou do período em que os escritos foram concebidos. Daí a importância de pensar que o trabalho da vida de determinado autor não se esgota no contexto de produção, mas se amplia e se alarga no âmbito da recepção e da proliferação de discursos que se relacionam ao que ele escreveu.

Assim sendo, o presente artigo objetivou tecer considerações sobre o pensamento crítico (alguns pressupostos teóricos) de Antonio Candido (1918-2017) no sentido de apreender a discussão acerca da humanização e da transformação social por meio da literatura. Desse modo, buscamos respaldo teórico-analítico tanto em suas produções quanto nos dizeres de seus interlocutores em esfera brasileira em relação aos estudos do referido sociólogo, tais como Schwarz (1999), Lajolo (2003), Barbosa (2007), Bosi (2003), entre outros.

Na medida em que notificamos a imprescindibilidade dos escritos de Candido como um fenômeno axiológico (BAKHTIN, 2006 [1979]) da identidade nacional brasileira, compreendemos que impressiona a dialética hegemônica em suas obras, integradoras de cultura, ideologia e história. Assim, as relações dialógicas identificadas entre suas escrituras literárias e a sociedade constituem um processo humanizador, em que o nível ético, das relações humanas, está sendo iluminado pelo estético, no bojo de uma arena literário-artística (BAKHTIN, 2006 [1979]).

Em aspectos estruturais, o artigo topicaliza-se em duas seções. A primeira, intitulada “Antonio Candido e (seus) outros: por uma transformação social”, busca traçar um esboço dialógico de algumas temáticas percorridas nos escritos de Antonio Candido, os quais atravessam discursos de seus interlocutores em campo vernáculo, tais como Roberto Schwarz (1999), Marisa Lajolo (2003), Alfredo Bosi (2003), João Alexandre Barbosa (2007) e Regina

---

construção racional. Sob essa direcionalidade, a arte é compreendida como um processo gradativo de elementos estruturais e sistemáticos que compõem um Absoluto. Apenas este poderia entrar no domínio de uma ciência da arte.

Crespo (2003), que reacentuam, interpretativa e axiologicamente, seus esboços críticos acerca da literária nacional. Busca-se, assim, averiguar brevemente as considerações dos estudos de Candido nos textos de outros autores também referenciados no campo dos estudos artístico-literários.

Na segunda seção intitulada “A literatura enquanto fenômeno artístico em busca de uma identidade” são apresentados aspectos críticos de Antonio Candido a partir do horizonte norteador de alguns de seus textos, que se propagam em trabalhos posteriores. Neste momento discutimos sobre a especificidade de uma literatura que tem essência a partir de seu núcleo social, destacando-se a literatura regional como um sistema integrador da cultura regionalista.

## **1. ANTONIO CANDIDO E (SEUS) OUTROS: POR UMA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

Na ótica de Antonio Candido, a literatura constitui uma das instâncias mais ricas a abarcar os domínios artísticos do ser humano, o qual nunca age por pureza fenomenológica, como propôs Hegel (1992). Ao circunscrever uma consciência que ganha concretude em si mesma o teórico alemão defende, por meio da dialética, a necessidade de estimular o entendimento humano no escopo do transcendentalismo, cuja fórmula é: Eu penso. Em *Fenomenologia do Espírito*, Hegel afirma que “o saber tem sua meta fixada tão necessariamente quanto a série do processo. A meta está ali onde o saber não necessita ir além de si mesmo, onde a si mesmo se encontra” (HEGEL, 1992, p. 68). Em apresentação à 2ª edição da referida obra, Henrique Vaz comenta que o pensamento hegeliano desenrola-se no “fio dialético da experiência que mostra na “duplicação” da consciência-de-si em si mesma - ou no seu situar-se em face de outra consciência-de-si - o resultado dialético e, portanto, o fundamento da consciência do objeto” (VAZ, 1992, p. 18).

Em posicionamento oposto às ideias preconizadas por Hegel (1992) sobre uma consciência humana que é acabada em si mesma, Antonio Candido atesta a necessidade do homem para com o literário via outridade, em representações da realidade social. Em *Ciência e Cultura*, o sociólogo destaca que esta dialogização entre a realidade e o imaginário

[S]erve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo sub-consciente e

inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. (CANDIDO, 1972, p. 805).

Ao exercer, portanto, uma função social constituinte, a literatura impulsiona o indivíduo a abandonar temporariamente sua própria disposição, e assim “preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo” (ZILBERMAN, 1999, p. 84). Ao serem incorporadas, ou seja, ao serem concretizadas na consciência humana, tessituras advindas da esfera literária passam a desempenhar papel humanizador, pois trazem consigo uma percepção aguçada diante de eventos sociais existentes, e isso se especifica de uma cultura para outra. Nesse direcionamento, ao passo que contribuem para a formação integral de sujeitos sociais, fornecem os fundamentos culturais necessários para que aqueles vivenciem (a partir de) sua subjetividade, a qual não pode ser desvinculada da prática.

Tais percepções são condensadas não de acordo com a pedagogia oficial, que cristaliza aquilo que pode ser pensado como o verdadeiro de cada época, assim como o bom e o belo, como “um apêndice de instrução moral e cívica<sup>6</sup>” (CANDIDO, 1972, p. 805). Bosi comenta que, no caso específico do gênero poesia,

[a] palavra lírica soa como uma mensagem estranha porque ela se subtrai a esse império da ideologia, nos remete a certos traços humanos, universais, a certos sentimentos comuns, à humanidade, como a angústia em face da morte, a indicação em face da opressão enfim, a palavra lírica está em tensão com a ideologia dominante. Nesse sentido, a poesia tende a amarrar duas vertentes; a vertente da poesia como expressão (o caráter expressivo, existencial da linguagem) e a vertente dialética, que procura mostrar como a poesia traz uma voz original, muitas vezes estranha, mas de todo modo resistente à ideologia dominante. (BOSI, 2003, s/p.)

---

<sup>6</sup>Na percepção de Schwarz (1999), Antonio Candido, na medida em que destaca o desejo dos brasileiros por uma literatura nacional, atesta sua instituição apenas mediante um processo de desprovincianização, passando do cargo de “subordinada à literatura europeia” ao estágio de dessubordinada. É nesse ínterim criticista que o referido sociólogo, segundo Schwarz, foi impulsionado a estudar a história dos brasileiros. Atente-se, porém, para o fato de que um possível distanciamento entre a cultura brasileira e a europeia não cancelaria suas inter-relações, “Estamos longe das ilusões redentoras de nacionalismo, que o próprio Antonio Candido assinalaria no estudo sobre ‘Literatura e subdesenvolvimento’” (SCHWARZ, 1999, p. 19).

No âmbito de pensar a literatura enquanto fenômeno artístico corroboramos os dizeres de Candido, quando propõe que o deslocamento dos sujeitos sociais deve direcionar-se para uma literatura “com o impacto indiscriminado da própria vida [...] com altos e baixos, luzes e sombras. Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza no sentido profundo, porque faz viver”. (CANDIDO, 1972, p. 805). Essa percepção sobre a humanização do indivíduo é ampliada e amadurecida pelo crítico, que, em *O direito à literatura*, postula:

Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 249)

Ao ponderar sobre as assertivas candidianas do refazer-se via literatura, ou do descobrir-se humano mediante o cenário dialógico entre o real e o imaginário, Barbosa atesta Candido como “[...] o melhor crítico e historiador literário do Brasil, e possivelmente da América Latina, no século XX” (BARBOSA, 2007, p. 177), compreendendo que o limite entre crítica e criação literária é primordial no âmbito das responsabilidades de quem exerce a atividade de crítico devido ao fato de ser uma instância ligada à “[...] operação transformadora da linguagem” (BARBOSA, 2007, p. 45). Neste contexto, Lajolo (2003) comenta que, na visão do crítico literário mencionado, a literatura existe devido à existência de um sistema literário, o qual, em engendramento brasileiro, passou por etapas de fundação, desenvolvimento e a consolidação.

Em sua obra *Formação da literatura brasileira* Candido realiza estudos históricos de uma formação que, na visão de Schwarz (1999), já havia se completado, considerando o arcabouço produtivo no século XIX, com Machado de Assis<sup>7</sup>. Porém, essa complementação não consiste em um fechamento, o que corrobora estudos de Lajolo (2003) sobre o fato de

---

<sup>7</sup> Alguns críticos, como Roberto Acízelo de Souza, Em seu livro *O Império da Eloquência* (1999), defendem que os estudos literários no Brasil se estabelecem no Oitocentos. Afirma, ainda que, a partir do século XIX, o progressivo avanço da história aliada aos estudos literários promove retração da retórica, que tinha muito prestígio. Assim, a retórica foi “perdendo posição no sistema de ensino e sendo expulsa da literatura com o triunfo das ideias românticas de expressão e subjetividade [...]” (SOUZA, 1999, p. 10).

uma obra não ser considerada como um conjunto de elementos com suas próprias características, nem identificado apenas pelos aspectos internos do texto. Ao contrário, tais textos literários são produzidos em meio a processos de (des)legitimação ideológica, em interação entre autor, leitor(es) presumido(s), público, condições de produção e os ambientes em que circula.

No que diz respeito à proposta candidiana de um sistema literário, presente no início de *Formação da literatura brasileira*, Lajolo justifica que o referido autor, ao evidenciar a noção de sistema literário, através do qual se edifica sua crítica, tece a sua interpretação histórica e crítica da literatura brasileira não como uma ambiência homogeneizante, mas, sobretudo, um sistema literário interpretado como núcleo, uma vez que é a partir dele que os leitores se posicionam em relação à obra literária (LAJOLO, 2003). A configuração de uma literatura nacional, ainda na ótica da autora, tem como embrião no Brasil o Arcadismo.

O viés transformacional da sociedade está ligado a horizontes múltiplos de saber, na reflexão concreta de problemáticas existentes na sociedade, assim como a busca de soluções, as quais são refletidas e refratadas (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) no corpo social. É nesse delineamento que a literatura é concebida “[...] como integração de autores, obras e público em um sistema articulado e não mais como pluralidade aleatória [...]” (LAJOLO, 2003, p. 56), correlacionando-se elementos dialógicos, que ganham carnalidade entre autor e público através da obra literária. Em concordância com os estudos bakhtinianos, em uma condição de intersubjetividade, “O diálogo das linguagens não é somente diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce [...]” (BAKHTIN, 2010 [1934]).

Nessa (in)constância de ditos e escritos, ao observarmos a existência de um enfoque histórico-sociológico, é perceptível a constante remissão às especificidades das correntes teóricas brasileiras, que unificam (mas não sufocam) o pensamento social. À proporção que Antonio Candido compreende as funções transformadoras da literatura, este revela sua preocupação em cumprir o papel social de intelectual, buscando, por v(e)ias heterogeneizantes, por exemplo, relacionar ideologia, literatura, sociedade e cultura.

## **2. A LITERATURA ENQUANTO FENÔMENO ARTÍSTICO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE**

Essa seção busca demarcar, através da produção crítica de Candido, argumentos favoráveis à existência de uma literatura- arte que seja identitariamente brasileira, ou seja, com aspectos que sejam marcados pelo pertencimento, particularmente ao povo vernáculo, ainda que isso não exclua a influência de aspectos externos. Afirma o estudioso que a Literatura

[é] um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] a obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito (CANDIDO, 1985, p. 25).

Cabe também mencionar, a partir de estudos realizados por Cardoso (2013), que o pensamento de Candido resgata vestígios de um passado crítico, bebendo em fontes como José Veríssimo (1857-1916) e Silvio Romero (1851-1914), assim como influencia a produção crítica vindoura, tais como Roberto Schwarz (1938-∞) e Luiz Costa Lima (1937-∞).

Em princípio, para Candido, as tentativas de promulgar a arte como simples reflexo da realidade dificultam processos efetivos de compreensão histórico-cultural de um povo, na medida em que se tornam ingênuas, por considerarem seus elementos constituintes, como o dinamismo da vida social e as condições contextuais de seu aparecimento.

É este, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias), que servem de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético). (CANDIDO, 1985, p. 5)

Seria preciso, então, recorrer à sociologia moderna, para a qual “[...] interessa principalmente analisar os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artística, como causa ou consequência [...] investigar as influências concretas exercidas [sobre a arte] pelos fatores socioculturais” (CANDIDO, 1985, p. 21).

Em *Formação da literatura brasileira*, ao inserir um novo modelo para analisar a literatura nacional, o crítico faz um estudo reflexivamente exotópico elaborando uma síntese de “[...] tendências universalistas e particularistas” (CANDIDO, 2000, p. 23). Candido, assim, cria novos modos de interpretação do corpo social (CARNEIRO & RODRIGUES, 2017), sobretudo ao observar obras literárias como um sistema inter-relacionado e que compreende as marcas daquele período específico. Desse modo parecido, o estudioso reconhece a continuidade literária e não uma ruptura total com preceitos anteriores. Afirma, então, o sociólogo, em prefácio à 1ª edição, volume 1, de *Formação da literatura brasileira*:

Cada literatura requer tratamento peculiar, em virtude de seus problemas específicos ou da relação que mantém com outras. A brasileira é recente, gerou no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir. A sua formação tem, assim, caracteres próprios e não pode ser estudada como as demais, mormente numa perspectiva histórica (CANDIDO, 2000, p. 9).

Ao incidir sobre as particularidades espaço-temporais em que as obras são situadas, averiguando-se suas condições históricas de produção, Candido formula uma crítica que abarca acontecimentos literários como reflexos de um corpo social. Tal pensamento influencia posturas epistêmico-didáticas na virada para o século XXI, como se observa nos dizeres de Buoro (2000), para quem as invenções humanas seriam “filhas das épocas em que acontecem, pois não há descoberta científica ou produção artística sem que existam condições materiais e psicológicas favoráveis ao seu aparecimento. Elas sempre se apoiam em acontecimentos anteriores, inscritos em um processo histórico” (BUORO, 2000, p. 82).

Atesta Candido, sobre a necessidade plena de usufruirmos da literatura enquanto fenômeno artístico, que

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.

O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente de nossa vontade. E, durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. [...] Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (2004, p. 174-5).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto artístico literário é dialógico. Isso porque é impossível que seja tomado isoladamente deslocado de sua realidade sócio-histórico-cultural. Há, então, relações interdiscursivas, porque uma obra não termina em si mesma e em sua recepção, seus desdobramentos posteriores à publicação também dizem respeito aos gestos interpretativos de análise e crítica tecidos no decorrer dos tempos. Dito isso, deve ser demarcado que o presente texto buscou apresentar discursivizações acerca dos escritos de Antonio Candido, visando demarcar a importância e a amplitude do alcance de suas produções.

Se um texto não se encerra em si mesmo, tampouco seriam os de Candido, cujas análises são profundas e férteis de inspiração para os pensadores que vieram depois dele. Por isso, trouxemos autores que dialogaram com sua obra, refletindo e refratando o que fora produzido, a fim de perdurar seu pensamento mesmo depois do contexto em que foi discursivizado. Em palavras não findas, esse pequeno censo teórico apresenta um autor cujas palavras encontram ressonâncias noutras épocas e não terminaram de dizer o que tinham para dizer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 5. ed. Tradução do russo: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

- BARBOSA, João Alexandre. Criação e Crítica Literária. In: BARBOSA, João Alexandre. *Leituras desarquivadas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007, p. 45-56.
- BOSI, Alfredo. Sobre alguns métodos de ler poesia: memórias e reflexões. In: BOSI, Alfredo. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 2003.
- BUORO, Anamelia Bueno. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.
- \_\_\_\_\_. Dialética da Malandragem: caracterização das Memórias de um sargento de milícias. *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, n. 8, p. 67-89, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- \_\_\_\_\_. O direito à literatura; O esquema de machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.
- CARDOSO, Sebastião Marques. Horizontes da crítica literária brasileira contemporânea: Roberto Schwarz e Luiz Costa Lima. In: VIOLA, Alan Flavio (Org.). *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CARNEIRO, Ana Paula Lima. RODRIGUES, Manoel Freire. Pensamento crítico de Antonio Candido: algumas considerações. *Revista do GELNE*, v.19, n.2, p. 90-100, 2017.
- CRESPO, Regina. Antonio Candido e “nossa América” Literatura, história e política. In: SERNA, Jorge Ruedas de La (Org.). *História e literatura: homenagem a Antonio Candido*. Campinas: Editora da UNICAMP, Fundação Memorial da América Latina/ São Paulo: Imprensa Oficial do estado, 2003, p. 93-114.
- FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Trad. Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Effen. Apresentação de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Editora Vozes, Petrópolis, 1992.
- LAJOLO, Marisa. A leitura na Formação da literatura brasileira de Antonio Candido. In: SERNA, Jorge Ruedas de La (Org.). *História e literatura: homenagem a Antonio Candido*. – Campina, SP: Editora da UNICAMP, Fundação Memorial da América Latina: São Paulo: Imprensa Oficial do estado, 2003, p. 51-75.
- SCHELLING, F.W.G. *Filosofia da arte*. São Paulo: Edusp, 2010.
- SCHWARZ, Roberto. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ: EDUFF, 1999.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Apresentação da 2ª edição. In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Trad. Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Effen. Petrópolis: Vozes, 1992.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e

Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: *Leitura-práticas, impressos, letramentos*. (Org.) BATISTA, Antônio Augusto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.